

Julio César Jobet e a radicalização do socialismo no Chile (1957-1970)*

Márcia Carolina de Oliveira CURY ** - PPG-UNESP/Franca

A interpretação histórica da constituição das nações da América Latina e da sua formação política, econômica e social possibilitou a definição de estratégias políticas para a esquerda da região que foram, em grande parte, construídas com uma colaboração orgânica dos intelectuais.

Nestas formulações, a principal dificuldade a respeito da natureza das transformações esteve relacionada a questões teóricas e metodológicas na aplicação dos conceitos do marxismo à especificidade do subcontinente. Questões como o caráter da colonização, feudal ou capitalista, a existência e o papel de uma burguesia local, o latifúndio e as elites oligárquicas eram questões de ordem interna que, somadas às relações com a forma de poder e influência do imperialismo, à posição subordinada dos países da região em relação ao mercado capitalista, compunham os temas intensamente debatidos pelos intelectuais que se engajaram na tradução dos problemas locais.

Em meio ao debate de interpretações do desenvolvimento nacional e de propostas de ação política para a América Latina, o Chile se destacou na participação de intelectuais na formulação de projetos de transformação que influenciaram a arena política do país ao longo do século XX.

Partindo do debate em torno da interação entre os intelectuais e a cultura política, a proposta da presente comunicação é demonstrar por meio do projeto político da Frente de Ação Popular (FRAP), de 1957, as orientações que o intelectual Julio César Jobet (1912-1980) desenvolveu e imprimiu no corpo teórico e nas propostas políticas do Partido Socialista do Chile (PS); abordagem que nos auxilia a compreender o seu papel na cultura política do socialismo chileno.

Vinculado organicamente ao grupo, Jobet foi dirigente desde a sua fundação e destacou-se na formulação do pensamento socialista e dos princípios teóricos que o animariam. A atuação e o pensamento de Jobet se confundem com a trajetória da esquerda

chilena. A sua grande contribuição para o pensamento político chileno através de obras de denúncia, engajamento e proposta de transformação fez do intelectual um protagonista da história política do país.

No intuito de contribuir com os novos estudos acerca do socialismo chileno, a nossa abordagem propõe a problematização da relação existente entre a leitura da realidade, o projeto de sociedade apresentado por Jobet e o seu papel na política socialista. Ao nosso ver, o entendimento e utilização do conceito de cultura política contribuem para uma melhor compreensão das motivações dos atos políticos e do pensamento que lhe é subjacente.

Assim, o referencial teórico do partido construído por seus intelectuais nos permite analisar os sistemas de valores, visão de mundo, projetos e normas compartilhados em função de uma leitura comum do passado. Consideramos que a resposta oferecida pelo intelectual sobre a realidade é composta de fatores singulares que terminam por expressar elementos de uma cultura política específica, na qual forma-se um conjunto coerente de subsídios que se relacionam estreitamente e contribuem para a definição de uma identidade a esta coletividade.¹

É importante ressaltar que o conceito de cultura política deve estar pautado em sua historicidade, na qual o desenvolvimento de determinado conjunto de crenças, atitudes e símbolos ocorra de acordo com a realidade de determinado contexto histórico, como uma resposta àquilo que se vive. A partir de tais pressupostos, para identificarmos o papel do intelectual na cultura política do socialismo, buscamos avaliar os diversos elementos que a constituem e considerar a especificidade do seu contexto, a partir do movimento histórico das conjunturas.

Devemos considerar que, apesar da sua histórica estabilidade política, o Chile sofreu, no início do século XX, pressões que caracterizaram os países periféricos, como a forte presença imperialista, tensão social gerada pelo processo de modernização capitalista e uma precária e insuficiente incorporação das classes populares. Foi nesse sentido que o debate da esquerda se desenhou ao longo do seu desenvolvimento: o da superação da contradição entre a estabilidade política e a questão social. Debate que se ampliou de

acordo com o desenvolvimento do pensamento político no país que indicaria ao longo do século as diferentes vias de transformação, em especial teorias ligadas à tradição antiimperialista e revolucionária da esquerda pós-1917.

Entendemos que o pensamento socialista significou um elemento de fundamental importância no complexo conjunto de mudanças que se processaram no cenário chileno no século XX. A abordagem das suas formulações teóricas, que nos indica uma leitura da realidade chilena e suas perspectivas políticas, nos remete para a sua singularidade.

Para que a esquerda viesse ocupar importantes espaços na política institucional, o Partido Socialista do Chile, que consistiu em uma das principais forças políticas do país, desempenhou uma decisiva contribuição. O grupo teria se constituído precisamente com base na união dos trabalhadores manuais e intelectuais, do proletariado e da pequena burguesia para lutar contra o latifúndio, o Estado burguês e o imperialismo, bem como para a criação de uma Confederação Latino-Americana. Formação baseada em uma concepção restrita da realidade latino-americana que visualizava a sua sociedade composta por um proletariado reduzido, um campesinato numeroso e passivo, classes médias numerosas e exploradas.

Entendemos que todos esses elementos possam informar as bases em torno das quais se estruturou a cultura política do socialismo chileno. É importante destacar ainda o caráter nacional e latino-americanista afirmado por Jobet, que se estabelecia, de acordo com o intelectual, no sentido de advertir para a necessidade de concentração na configuração social e econômica da América Latina para romper e superar a “lógica equivocada” das Internacionais de indicar normas universais para todos os países.

Jobet foi um dos nomes do quadro intelectual do século XX ocupado com a questão do atraso latino-americano. Fez parte de uma tradição caracterizada por intelectuais e políticos que, na história do pensamento político do subcontinente, elaboraram, de acordo com seus específicos momentos históricos, soluções e linhas de interpretação para a região.² Para tanto, desempenhou atividades no sentido de contribuir com a interpretação histórica e com a cultura política socialista no seu país.

O intelectual desempenhou uma das mais importantes atuações no partido ao delinear o discurso socialista sob a união dos principais grupos da esquerda a partir de 1957. No 17º Congresso Geral do PS formou-se a FRAP que, sob o lema de *un camino nuevo, un candidato popular y un programa de lucha*, iniciava uma nova etapa do socialismo chileno.

O dirigente entendia que a postura a ser adotada deveria ser de oposição ao modelo da Frente Popular (1938), coalizão realizada sob a liderança do Partido Radical, em busca de uma nova política revolucionária; caminho que seria radicalmente oposto à tese de que a fase democrático-burguesa constituía uma etapa necessária para o processo nacional. Para Jobet, o partido apresentava uma maturidade política e ideológica que o configurava como o elemento catalisador dos trabalhadores e do movimento socialista para a conquista imediata do poder.

Nas palavras do intelectual, o conteúdo da unificação socialista se baseava na análise do contexto nacional dos anos que precederam a aliança, que demonstravam, na sua concepção, tentativas para acelerar o desenvolvimento econômico e social dentro dos marcos do sistema capitalista e de suas correspondentes formas políticas e ideológicas; um processo orientado pelas classes médias que se mostrou incapaz de conquistar a independência econômica do país e de promover um efetivo desenvolvimento da democracia e do progresso social.³

Tratava-se da negação de um processo construído desde o final dos anos 30, denominado “arreglo democrático” pelo autor Eugenio Tironi, caracterizado por um entendimento ente as forças sociais e políticas do Chile. Período marcado por um processo de modernização da sociedade que congregava desenvolvimento com pautas integradoras no plano social no qual o Estado assumia o seu papel central.⁴

Avaliando, portanto, o caráter das mudanças ocorridas, sem grandes rupturas - uma combinação de renovação e continuidade do governo da coalizão, que marcou a efetiva superação da dominação oligárquica, por um lado, mas que não realizou uma completa inclusão social - parte da esquerda fez uma leitura negativa do período, segundo a qual,

este significou a “afirmação do capitalismo no país” aliada à permanência de resquícios de um passado de contradições e exploração que não permitiu a desejada ruptura com o sistema.

Como representante do Comitê do PS de Santiago, o historiador teve importante papel na articulação do movimento da FRAP, representada nas eleições presidenciais por Salvador Allende. O membro da aliança orientou suas formulações concebendo que a tarefa da sua geração não consistia em realizar a última etapa das transformações burguesas, senão em dar o primeiro passo na revolução socialista.

Assim, a sua atuação se mostrava de suma importância na formação e condução da FRAP, que era construída como uma tática de classes e revolucionária, orientada a separar de maneira categórica a burguesia dos setores explorados. No momento, sem questionar o caráter desta transformação no quadro institucional:

Um caminho novo supõe a mudança do sistema capitalista demoburguês por outro de orientação socialista, resultado da direção do governo pelas classes trabalhadoras. O instrumento para levá-lo a cabo é uma nova organização de forças políticas e sociais não comprometidas com o regime dominante.⁵ [tradução nossa]

Para o dirigente, o movimento que esteve muito próximo de alcançar a vitória, sofreu um grande desgaste devido à debilidade dos partidos que a compunha e, principalmente, pelo “vício eleitoral” disseminado no grupo. Mas, ainda que a coalizão tenha se fragilizado, a experiência teria garantido uma maior coesão dos grupos socialistas até a eleição de Salvador Allende pela Unidade Popular em 1970.

Estas afirmações do historiador, após a derrota da FRAP, indicam os efeitos da Revolução Cubana (1959) sobre parte da esquerda chilena. O paradigma insurrecional, que não se apresentava como o caminho único até a formação da aliança, ganhou força e assumiu a posição central das discussões dos socialistas que combinavam formas de luta com a necessidade de transformar rapidamente o governo popular em revolução socialista.⁶

Uma postura de ruptura passou a ser cobrada dos partidos por parte dos nomes da esquerda, dentre os quais, Jobet, para quem o processo revolucionário de Cuba

representou uma nova dimensão à luta de classes na América Latina ao demonstrar a impotência da burguesia como força progressiva e contra-revolucionária, bem como a validade da violência revolucionária para alcançar o poder ao legar a tática específica da guerrilha.⁷ A partir de então, era absolutamente rechaçada a aplicação da política de conciliação de classes, como a vivenciada na Frente Popular.

O radicalismo crescente no seio da esquerda chilena após a Revolução Cubana acirrou o debate político e contribuiu, posteriormente, para uma incompreensão em relação ao conteúdo democrático do projeto da Unidade Popular (1970). Ainda que o historiador tenha reconhecido o significado da vitória de Allende como um novo ciclo na história social e política do Chile, a “via pacífica no caminho eleitoral” se colocava novamente como o principal obstáculo à libertação.

Na sua concepção, a via eleitoral no quadro democrático burguês não excluiria o problema constante para atingir o socialismo que se tratava de substituir o Estado capitalista, derrubar a burguesia e suas instituições repressivas. Entendendo que o Estado representativo moderno significava uma autoridade política exclusiva da burguesia para gerenciar seus assuntos e interesses, estabelecia que as contradições e a exploração do sistema seriam abolidas somente por meio da revolução.

O trabalho teórico de Jobet pode ser comparado à controvérsia do seu projeto político. Projeto que superou proposições comuns ao seu contexto, mas que foi muitas vezes limitado ao pensamento de sua época e ambiente. Estiveram presentes questões como nacionalismo, democracia, antiimperialismo e, principalmente, a revolução, que tinha o seu significado no rompimento com o Estado burguês e no confronto de classes; conceitos e interpretações-chave que se colocavam como desafios para a esquerda.

Como historiador e teórico do Partido Socialista⁸, Jobet refletiu acerca da história chilena de forma a identificar, nas suas palavras, as continuidades nas formas de dominação sob as quais vivia o Chile desde a colonização; bem como as contradições internas da sua sociedade, no sentido de fundamentar o seu projeto político de ruptura. Desenvolvendo análises em torno do movimento operário, questão agrária, dependência

nacional e desenvolvimento capitalista no Chile, Jobet contribuiu decisivamente para construir uma nova ótica de reflexão da história chilena e para o desenvolvimento do corpo teórico do Partido Socialista, um dos mais importantes da política do seu país.

Suas teorias expressam análises que buscaram destacar a especificidade da história nacional, no intuito de escapar às teses entendidas universais e, principalmente, para que a revolução chilena não fosse marcada pela abstração e pela adoção de conceitos *a priori*. O socialismo se apresentava, portanto, como um produto histórico de circunstâncias nacionais concretas, o que, a seu entender, não permitia colocar-se num caminho universal.

No entanto, ainda que o intelectual tenha buscado uma caracterização mais correta do seu país, não mostrou avanços nas avaliações e projetos políticos. Suas teses ficaram marcadas por modelos preestabelecidos e que, ao destacar as especificidades locais, buscou mais legitimidade como expressão do movimento revolucionário nacional do que a apresentação de projetos genuínos. Com uma incompreensão das particularidades chilenas, suas propostas se mostraram bastante convencionais, com enfoques recorrentes na linha revolucionária dominante no período.

O constante embate no seio do Partido Socialista entre as propostas de transformação transcorreu a sua história e veio a permear o governo da UP que viveu o desacerto entre um programa de transformações implementado e o radicalismo da sua esquerda, orientado em grande parte pelos supostos ideológicos da sua intelectualidade, disposta a ver o período como a ante-sala do socialismo; dificultando a manutenção de uma direção única por parte do governo.⁹

O historiador viveu os dilemas do desenvolvimento do partido e da política nacional, entre defender a teoria revolucionária e, ao mesmo tempo, pensar numa proposta política para a construção do socialismo, projetando a implantação do Estado dos trabalhadores num “processo ininterrupto de confrontação”. Tese desenvolvida e defendida em grande parte da sua trajetória no intuito de construir uma linha programática dentro do seu grupo e que exerceria grande influência no choque com o conteúdo democrático da proposta de Allende, em 1970.

É possível afirmar que, a despeito das ambigüidades e oscilações presentes no seu discurso ao longo da sua trajetória, a radicalização da proposta socialista – numa compreensão desta somente como processo insurrecional –, foi o nexos que predominou na sua ação política e que esteve entre as linhas de maior expressividade no partido. A sua atuação na proposta da FRAP e ao longo da década de sessenta expressa o caráter de suas reflexões e propostas inseridas no movimento socialista numa constante reafirmação da identidade revolucionária e de classe declarada nos princípios do Partido Socialista do Chile.

Acreditamos que Jobet contribuiu para uma polarização ideológica do socialismo, desenvolvendo a idéia da oposição entre reforma e revolução no seu seio e imprimindo a concepção de um processo revolucionário de confronto entre classes, tese que não foi capaz de apreender a complexidade do tecido político e social do seu país e de apresentar uma nova proposta política num quadro de recorrentes teses esquemáticas.

* Este trabalho faz parte da pesquisa “Julio César Jobet e a cultura política do socialismo chileno (1932-1970)” desenvolvida para a realização da dissertação de Mestrado sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Aggio.

** Mestranda do programa de pós-graduação em História da FHDSS – Unesp/ Franca. Bolsista CAPES.

¹ BERSTEIN, Serge. , A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.) *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 350.

² PINHEIRO, Marcos S. *Um Continente Possível: latino-americanismo no pensamento de Luis Alberto Sánchez*. Dissertação de Mestrado, f. 143. FHDSS, Franca, 2004, f. 54.

³ JOBET, Julio César. *História del Partido Socialista de Chile*. Ed. Documentas. 2ªed, 1987, p. 230-231.

⁴ Aggio, Alberto. *Democracia e Socialismo no Chile*. A experiência chilena. São Paulo: Annablume, p. 155.

⁵ JOBET, Julio César, op cit, p. 240-241.

⁶ MOULIAN, Tomás. El marxismo en Chile: Producción y utilización. *Serie Estudios Políticos*. Santiago de Chile: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 1991, p. 69.

⁷ JOBET, Julio César, op cit, p. 317.

⁸ Julio César Jobet foi um importante historiador do país e um dos nomes pioneiros na utilização do materialismo histórico para a interpretação do processo histórico chileno. Entre as suas principais obras, podemos destacar: JOBET, Julio César. *Ensayo crítico del desarrollo económico social de Chile*. 3ª ed.. Centro de Estudios del movimiento obrero Salvador Allende, México, 1982.

⁹ AGGIO, Alberto, op cit, p. 24-25.